

REVISTA BRASILEIRA DE GEOGRAFIA

Ano IX

JULHO-SETEMBRO DE 1947

N.º 3

UMA VIAGEM DE RECONHECIMENTO AO SUL DE GOIÁS

Prof. *Leo Waibel*
Assistente-Técnico
do C.N.G.

Introdução

Foi por muitos anos meu desejo conhecer o Brasil, o país tropical mais vasto do mundo, o seu povo e a sua cultura. Sinto-me, portanto, muito feliz por ter tido esta oportunidade. Estou certo de que o meu trabalho aqui será muito útil, para mim e para minhas idéias e conceitos sôbre os Trópicos. Espero e desejo sinceramente que êle seja também de alguma utilidade para os que o lerem.

Como geógrafo, duas coisas mais me impressionaram aqui. Primeiro, as enormes dimensões dêste país. Os números sôbre áreas e distâncias só passam a significar alguma coisa para nós, quando entramos em contacto pessoal com elas. Mas quando aprendemos que o Estado de Goiás tem seis municípios, cada um dêles do tamanho de um pequeno país europeu, então o caso é diferente. O município de Goiás pròpriamente dito tem uma área de 34 000 quilômetros quadrados e é tão grande quanto a Bélgica. Iguamente grandes são quatro outros municípios de Goiás, ao passo que o município de Pôrto Nacional, tem uma superfície de 88 000 quilômetros quadrados, por conseguinte do tamanho de Portugal. A área total do Estado de Goiás é de 643 000 quilômetros quadrados, ou seja, 92 000 quilômetros quadrados maior do que a França.

A forma de Goiás parece a de uma bússola apontando para o norte astronômico. A sua extensão norte-sul é de cêrca de 1 600 quilômetros, o que corresponde à distância de Calais à cidade de Argel, através da França e do Mediterrâneo ocidental. O rio Araguaia, que limita o Estado de Goiás a oeste, tem 1 700 quilômetros de comprimento, ou seja, quase duas vêzes mais comprido do que o Reno, o maior rio da Alemanha.

Quanto à área e à extensão, o Brasil não é um simples país, mas um continente. Tenho a impressão de que mesmo os brasileiros nem sempre guardam em mente êste fato fundamental; do contrário, certos projetos grandiosos não teriam sido propostos, ou, pelo menos, seriam apresentados mais modestos na escala e nos objetivos.

Em segundo lugar, fiquei muito impressionado com a enorme riqueza de material geográfico acumulado aqui no Conselho Nacional de Geografia. O mais importante de todos são, a meu ver, os mapas

dos 1 609 municípios. Embora o relêvo na maioria dêstes mapas esteja errado, êles representam o sistema de drenagem, as vias de comunicação e as principais partes povoadas. Êles têm, portanto, um valor inestimável para o viajante que saiba manuseá-los. Visitando Goiânia, a nova capital do Estado de Goiás, encontram-se lá, no Departamento de Geografia e Terras, centenas de mapas cadastrais em escala grande mostrando a vegetação e o uso da terra. Nestas circunstâncias, não se deve considerar o Estado de Goiás, tal como o Estado de Mato Grosso, uma "terra incógnita" do ponto de vista geográfico. Naturalmente isto é verdadeiro apenas no sentido de que nenhum geógrafo treinado fêz até hoje estudos sistemáticos nesta região que, em virtude dos seus recursos naturais, está destinada a desempenhar um papel decisivo na chamada marcha para oeste e no futuro da nação.

Perguntaram-me, muitas vêzes, porque principiei o meu trabalho de campo no Estado de Goiás, tão longínquo e "seivagem". A resposta é simples: estando eu interessado em colonização, tinha que ir para o interior; estando, além disso, interessado no conhecimento da vegetação original e sua transformação pela atividade humana, decidi ir a uma região onde a influência humana fôsse reduzida ao mínimo. Preferiria começar o meu trabalho por Mato Grosso. Mas, como a parte central dêste Estado não é acessível por estrada de ferro, tive que ir a Goiás, onde a linha férrea penetra mais para o interior. Creio que as minhas observações sôbre a vegetação do sul de Goiás provarão que foi uma boa idéia começar o meu trabalho no Brasil pela retaguarda, por assim dizer.

Acompanhado de dois assistentes, SPERIDIÃO FAISSOL e OSVALDO LÔBO, parti de trem da cidade de São Paulo, a 10 de julho. Cinco dias mais tarde chegamos a Anápolis, ponto terminal da estrada de ferro do sul de Goiás, depois de pararmos dois dias em Araguari, seu ponto inicial. A 17 de julho, chegamos a Goiânia, nova capital do Estado de Goiás. Ficamos muito agradecidos ao Dr. HUMBERTO LUDOVICO DE ALMEIDA, diretor do Departamento de Geografia e Terras, e seus assistentes, pelo auxílio prestado no preparo das nossas excursões e na coleta de informações de tôda espécie. Também é credor dos nossos melhores agradecimentos o senhor general FILIPE XAVIER DE BARROS, digno interventor federal no Estado de Goiás, que demonstrando larga compreensão pôs ao nosso dispor um carro e um *chauffeur*, tornando assim possível o nosso trabalho de campo.

A 24 de agôsto saímos do Estado de Goiás e a 30 voltamos ao Rio de Janeiro.

Desconhecendo o português, eu precisava para ter contacto com a população, da ajuda constante dos meus dois assistentes. Ambos foram encarregados de colhêr informações nas sedes de todos os municípios que visitamos, e SPERIDIÃO FAISSOL, além disso, foi incumbido de fazer observações regulares do tempo. OSVALDO LÔBO, por ser interessado em

economia, fêz um levantamento da distribuição geográfica dos preços. Os dois assistentes contribuíram com dados valiosos para a elaboração dêste relatório.

Agradeço a ORLANDO VALVERDE a tradução dêste relatório do inglês para o português.

1.) Notas gerais sôbre a faixa pioneira

A Estrada de Ferro Goiás chegou à cidade de Anápolis em 1935, causando uma novâ era de povoamento e de prosperidade econômica na região. No mesmo ano começou a construção da nova capital. A estrada de ferro levou para a outrora remota área, não sòmente mercadorias de tôda espécie, mas também gente que era atraída pelos vastos espaços vazios da parte sul do Estado, seus férteis solos de mata e seu saudável clima de *tierra templada*. De Anápolis, as mercadorias e as pessoas eram levadas de caminhão para o norte e para o oeste, num raio de cêrca de 150 a 200 quilômetros. Aí, derrubavam-se as florestas, cultivavam-se as roças, abriam-se estradas, construíam-se casas e novos povoados surgiam em lugares que antes não estavam ocupados.

Em outras palavras: a oeste e noroeste de Anápolis estamos numa zona pioneira, numa área dinâmica de povoamento em expansão. Aqui se pode estudar e observar a chamada marcha para oeste. Os imigrantes vêm, cêrca de 80% do Estado vizinho de Minas Gerais; os restantes 20% vêm de São Paulo, Bahia e outros Estados. Os preços da terra, no campo e na cidade, subiram fantásticamente; as condições econômicas e sociais melhoraram, e uma atmosfera de esperança, energia e atividade penetrou na zona tôda.

Normalmente, as faixas pioneiras estão situadas na franja da civilização e na periferia das áreas habitadas. Elas separam a selva desabitada do interior das partes povoadas mais antigas e já civilizadas, mais perto da costa. É êsse o caso, por exemplo, no Paraná e em Santa Catarina. Isto porém não é verdade no Estado de Goiás! Aí, a faixa pioneira fica não a oeste, mas a leste da velha zona povoada, a parte onde está localizada a velha capital. Além disso, a faixa pioneira moderna do sul de Goiás foi estabelecida não numa zona selvagem, mas numa região que foi civilizada há mais de duzentos anos.

A primeira gente branca a povoar o sul de Goiás no princípio do século XVIII, eram garimpeiros e prospectores que penetraram à procura de ouro por todos os cantos da região e fundaram muitas cidades. Uma delas, a velha Goiás, tornou-se o centro de um distrito minerador e, mais tarde, do Estado. Com o colapso da indústria mineira do ouro nas primeira décadas do século XIX, um novo tipo de gente veio povoar o sul de Goiás; fazendeiros que, com o auxílio de negros escravos, criavam

gado em áreas enormes. Eles ocuparam a terra, porém não a povoaram no sentido estrito do termo. Gado, e não gente, tornou-se o principal habitante de Goiás. Cultivavam-se produtos agrícolas em campos pequenos, apenas para suprir o consumo doméstico. Grandes áreas florestais, com excelentes condições de solo, ou não eram usadas absolutamente ou eram queimadas para a criação de gado em terras de pastagens artificiais.

Esta situação mudou quase que da noite para o dia com a aproximação da estrada de ferro que vinha do Triângulo Mineiro. Agora, um novo tipo de povoador veio para Goiás: o pequeno lavrador que cultivava a terra que êle próprio possui e que produz produtos agrícolas para o mercado. Ele naturalmente se interessou pelas terras com o melhor solo, as florestas que os fazendeiros de gado tinham menosprezado. Ademais, êle preferiu as matas localizadas perto do término da estrada de ferro para Anápolis. Desta forma, a faixa pioneira agrícola fica a leste e ao sul do distrito mineiro e dentro da zona pecuária mais nova.

Além da colonização espontânea por particulares, foi feita a Colônia Agrícola Nacional, fundada em 1941 a cerca de 140 quilômetros a noroeste de Anápolis. Uma rodovia moderna foi construída para ligar a Colônia àquela cidade. Como tanto a antiga quanto a nova capital do Estado de Goiás se comunicam com Anápolis por meio de estradas relativamente boas, esta cidade goza de uma excelente posição estratégica e econômica.

De certa maneira, pode-se comparar a frente pioneira a uma frente militar. O pioneiro, especialmente o pioneiro agricultor, é um soldado que combate a natureza. Um exército completo de pioneiros é necessário para derrubar matas, construir casas e estradas, enfim, transformar a paisagem natural em cultural. A retaguarda deve prover a frente de combate não só de ferramentas e instrumentos, objetos de uso doméstico, vestimentas, etc., mas também, pelo menos no comêço, de alimentos. Esta tarefa é feita por pessoas que, embora vivendo atrás da frente, participam do processo da colonização e do povoamento. Elas são como que os intendentos do exército pioneiro.

O espírito pioneiro, por conseguinte, se expande da frente ativa para a retaguarda, ao longo das estradas de comunicação até a base principal. E esta base é Anápolis, o grande "depósito" da faixa pioneira do sul de Goiás. O povoamento de Anápolis não foi consequência da estrada de ferro, mas é consideravelmente mais antigo. Em 1869, Anápolis consistia de sete casas; em 1887, ela foi elevada à categoria de vila, e em 1914 à de cidade. Em 1940 o núcleo tinha uma população de 8 204 habitantes. Hoje em dia é bem possível que ela tenha alcançado os 10 000. Depois da nova capital, ela é a maior cidade do Estado, sendo que já ultrapassou a velha capital.

2.) O planalto de Anápolis

Anápolis está situada sobre um planalto de 1 000 a 1 100 metros de altura, que se estende para noroeste entre os vales dos rios Corumbá a leste e Meia Ponte a oeste. Ambos são afluentes do Paranaíba. De acôrdo com o mapa geológico do Estado de Goiás, publicado pelo Ministério da Agricultura em 1940, as partes mais altas do platô são compostas de arenito cretáceo, enquanto as suas vertentes, a leste e a oeste, são constituídas pelo chamado Complexo Cristalino Brasileiro, de idade arqueana. Atravessando o altiplano, de Anápolis para Goiânia, não pude observar nenhuma das duas rochas *in situ*, mas somente os produtos da sua decomposição, um solo vermelho argilo-arenoso.

Mesmo um geólogo experimentado, como OTHON HENRY LEONARDOS, encontra dificuldade para distinguir os dois tipos de rochas e formações geológicas pelos solos respectivos. Escreve êle: "Não é fácil distinguir-se os solos lateríticos de decomposição dos gnaisses melanocráticos, dos solos vermelhos provenientes da desagregação dos arenitos cretáceos, que em muitos pontos capeiam a formação arqueana".¹

Ainda mais cauteloso é o geólogo ALBERTO I. ERICHSEN, que no seu mapa do município de Goiânia classifica as camadas cretáceas de LEONARDOS como "formações detríticas de idade incerta".²

A distinção entre a cobertura cretácea e a base cristalina é tanto mais difícil, pôsto que em ambas as formações predominam planícies de nível superpostas, que formam uma espécie de escada.

O nível mais alto está entre 1 000 e 1 100 metros e forma a superfície do planalto de Anápolis. Do aeroporto de Anápolis tem-se uma vista magnífica do altiplano cretáceo. Em tôdas as direções vê-se o terreno plano, tão liso que parece traçado a régua. O horizonte é circular e o céu se assemelha a um disco. O caráter da vegetação é de campo limpo e campo sujo, com árvores e florestas limitadas aos vales dos rios. (Fig. 1)

Esta paisagem fêz-me recordar muito o planalto da África do Sul. Em ambos os casos o planalto tem uma altitude média de 800 a 1 000 metros, e é composto de sedimentos horizontais, de idade Permo-Carbonífera na África do Sul e de idade Cretácea no Brasil. A vegetação é baixa e escassa, dando à paisagem o aspecto de uma região de vegetação aberta, chamada *Veld* na África do Sul e "Campo" no Brasil. As duas palavras significam exatamente a mesma coisa.

¹ *Rutilo em Goiás*. Ministério da Agricultura. Departamento Nacional da Produção Mineral. Boletim número 30. Rio de Janeiro, 1938, pág. 20.

² *Geologia do Sul de Goiás*. Departamento Nacional da Produção Mineral. Serviço Geológico e Mineralógico. Boletim número 94. Rio de Janeiro, 1939.



Fig. 1 — O planalto cretáceo de Anápolis, visto do aeroporto de Anápolis

A semelhança entre *Veld* e “Campo” é especialmente verdadeira em relação ao campo sujo, que na África do Sul seria chamado *bushveld*, o campo arbustivo. Tornando a semelhança ainda maior, vêem-se, em ambas as áreas, grandes aves corredoras: o avestruz e a abetarda na África do Sul, a ema e a seriema no Brasil.

O tempo durante a estação seca também me fez lembrar o *Veld* da África do Sul: o ar seco, os dias quentes e as noites frescas. As condições de chuvas, entretanto, são inteiramente diferentes. O *Veld* sul africano tem um clima semi-árido com chuvas escassas e irregulares, ao passo que o planalto do sul de Goiás tem uma precipitação surpreendentemente alta de cerca de 1 800 a 2 000 milímetros, com uma estação chuvosa longa e uma estação seca curta. O seu clima não é semi-árido, mas semi-úmido. A falta de árvores e a escassez de vegetação de lá certamente não são devidas à falta de chuvas, mas provavelmente aos ventos fortes e à permeabilidade do arenito cretáceo. Este aparentemente absorve quase toda a chuva que cai como se fôsse uma imensa esponja e arrasta-a para baixo, onde ela se acumula e forma o lençol d'água subterrâneo. Segundo GLYCON DE PAIVA, a água subterrânea acumulada é a riqueza mais palpável do arenito cretáceo do sul de Goiás.³

Uma prova da grande quantidade de água subterrânea é o fato de que mesmo no auge da estação seca todos os rios, mesmo os pequenos, têm água e correm permanentemente. Outra prova são as imensas fontes que ocorrem na maioria das vertentes a uma altitude de cerca de vinte ou trinta metros, abaixo do rebordo do planalto que dão origem

³ *Reconhecimento Geológico do Rio Verde ao Araguaia.*
Serviço Geológico e Mineralógico. Boletim n.º 59, 1932, pg. 7.

a numerosos córregos. Em volta das fontes e das nascentes dos córregos estendem-se depressões semi-circulares, geralmente cobertas de matas densas e verdes, que formam um contraste marcado com a vegetação de campo seca e escassa dos arredores. Estas depressões resultam aparentemente da erosão de fonte e do *creeping* e me fizeram lembrar muito as depressões semelhantes existentes na região chamada Mittelgebirge, na Alemanha. Essas depressões são denominadas *dellen* em alemão e *dales* em inglês. Ambos os termos se referem ao caráter topográfico da depressão. No Planalto Central, o termo índio "capões" é usado para descrever as manchas isoladas de florestas que ocupam essas depressões. (Fig. 2)

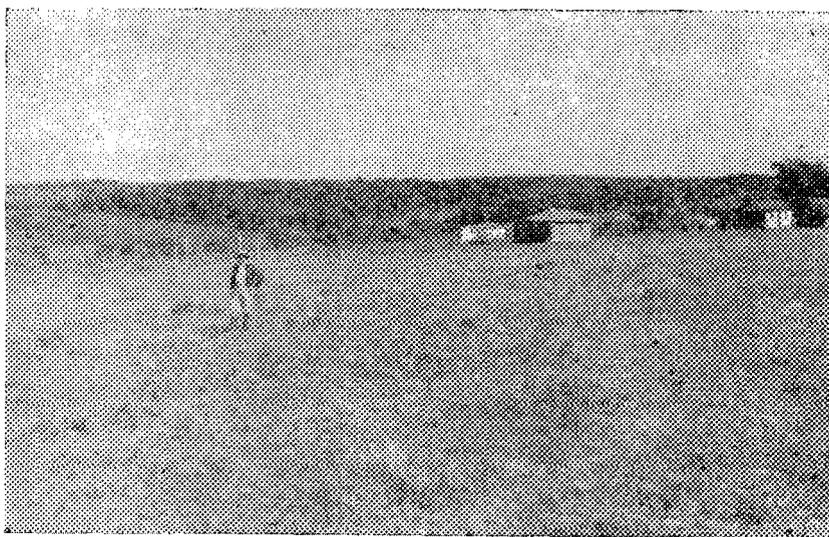


Fig. 2 — Uma "dale" e a sua cobertura florestal cerca de vinte quilômetros a noroeste da cidade de Anápolis. A floresta enche a depressão até a altura da beira do Planalto. No primeiro plano, vê-se o campo cerrado derrubado do novo povoado de Hinterlândia

Estas *dales* são da maior significação para o povoamento e para a vida econômica dos chapadões. Elas são uma espécie de oásis, onde o povoador acha tudo o que quer: madeira, água, solo fértil e proteção contra o vento. Não há dúvida de que são as *dales*, sôbre as vertentes, e não a superfície plana dos chapadões os locais preferidos para as fazendas, povoados e mesmo cidades. Viajando sôbre os chapadões tem-se a impressão de que êles são desabitados. Vê-se aqui e ali o gado pastando, mas quase nenhuma habitação. Mas quando se cruza um vale, ou melhor, quando se voa sôbre a área, fica-se então surpreendido com o número de fazendas situadas nas *dales* ou que se estendem ao longo dos cursos dos rios.

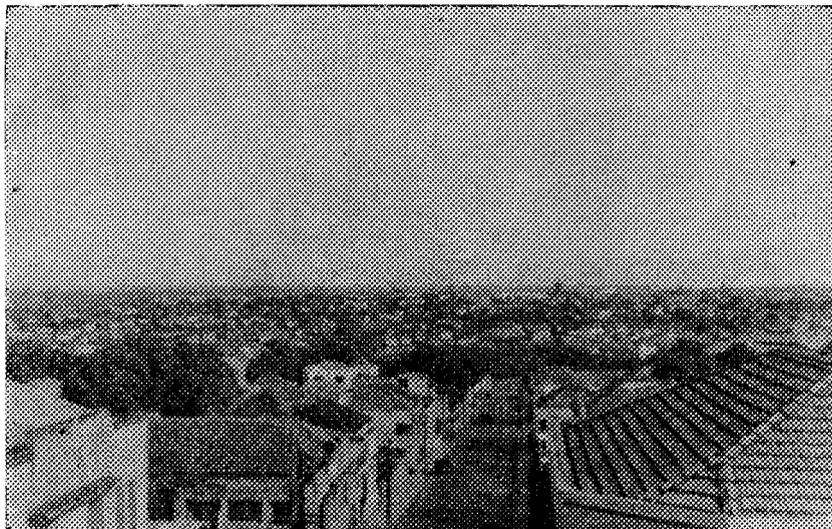


Fig. 3 — A cidade de Uberlândia situada numa "dale". O fundo da "dale" é coberto de pântanos e árvores na parte central da cidade, enquanto que as casas se estendem pelas ladeiras suaves de ambos os lados da depressão

A maioria das estações ferroviárias do planalto cretáceo no sul de Goiás e mesmo grandes cidades goianas e do Triângulo Mineiro estão situadas em *dales*.

Quando se vai chegando à cidade de Uberlândia de automóvel, fica-se surpreso de vê-la no tópo de um chapadão, num lugar que parece o de uma cidade medieval da Europa. Subindo-se na cidade, vê-se que ela não está situada no alto do platô propriamente dito, mas numa *dale* típica, cujo fundo fica a 30 metros abaixo da superfície do planalto (854 metros). (Fig. 3)



Fig. 4 — A cidade de Araguari, situada numa "dale", como um pássaro no ninho abrigando os filhotes.

Ainda mais característico é o sítio de *Araguari*, ao norte de Uberlândia. A cidade fica numa *dale*, como um pássaro no ninho abrigando os filhotes. A altura do planalto é de 950 metros, mais ou menos. (Fig. 4)

A ocorrência de *dales*, contudo, não é a principal razão pela qual estas e outras cidades estão situadas em cima do planalto. A razão principal é o fato de que todos esses núcleos de povoamento são recentes e foram fundados numa época em que os carros, trens e automóveis se tornaram os principais meios de transporte. Estes veículos preferem a superfície plana, chata, do planalto, principalmente porque aí poucos são os rios a serem cruzados. Nos antigos tempos coloniais, em que o transporte fluvial era o principal meio de comunicação, as cidades eram fundadas sobre os terraços, perto dos rios; aí também estavam situados os depósitos de ouro.

3.) A cidade de Anápolis

Anápolis está localizada não numa *dale*, mas sobre dois terraços na margem esquerda (oeste) do córrego das Antas, a cerca de cem metros abaixo da superfície do planalto. A cidade está se expandindo rapidamente e já tem um projeto para se desenvolver sobre o terraço da margem direita do córrego.

A parte mais velha da cidade se estende com um traçado irregular sobre o terraço mais baixo, a uma altitude de 950 metros. No terraço superior, 50 metros mais alto, está a estação da estrada de ferro, a prefeitura, a maior igreja da cidade, etc. Nesta parte o padrão do traçado é perfeitamente regular e se parece com um tabuleiro de xadrez. (Fig. 5)

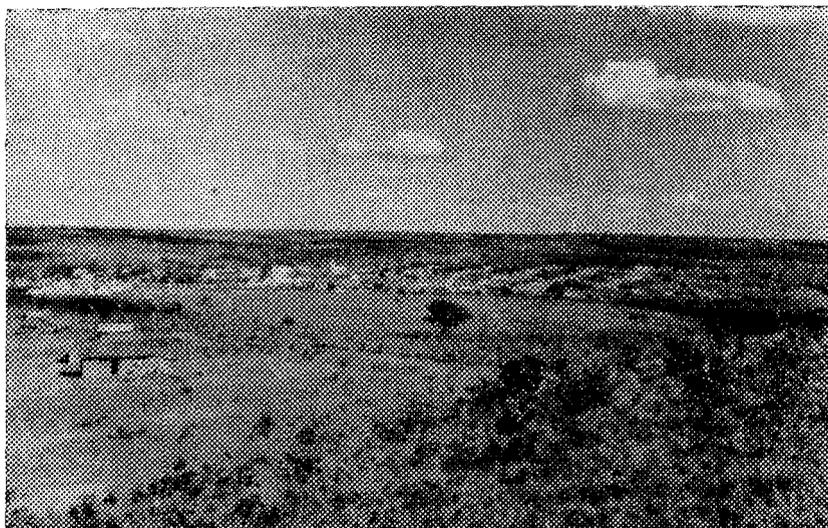


Fig. 5 — A cidade de Anápolis, localizada sobre dois terraços na margem esquerda (oeste) do córrego das Antas

As ruas de Anápolis ainda não são calçadas e na estação seca o pó vermelho forma uma camada de uns trinta centímetros de espessura que é um verdadeiro tormento para a população. Referindo-se a esta poeira, os habitantes da nova cidade de Goiânia chamam Anápolis de cidade suja. Bem, isto é verdade quanto às ruas. As ruas são sujas, porém, não porque o povo seja preguiçoso, mas por causa do enorme tráfego que se processa na estação seca, época em que os produtos agrícolas são trazidos para o mercado.

Há uma espécie de rivalidade entre Anápolis, o novo centro comercial de Goiás, e Goiânia, o novo centro político. Os sítios das duas cidades são muito semelhantes, mas a sua posição é diferente, embora fiquem somente a 60 quilômetros um do outro. Explicarei estes dois termos porque os geógrafos fazem muitas vezes confusão entre eles.

Entendemos por *sítio* os aspectos topográficos do lugar em que se encontra uma cidade, que são figurados num mapa em escala grande. Por posição compreendemos a posição geográfica de uma cidade em relação a outros acidentes geográficos muitas vezes bem distantes, tais como sistemas fluviais ou orográficos, fronteiras políticas, rodovias, ou mesmo outras cidades. A posição de uma cidade pode ser estudada apenas em mapas de escala reduzida. Para a vida de uma cidade a posição é muito mais importante do que o seu sítio. Até certo ponto, o sítio pode ser mudado, como se fez, com êxito, aliás, aqui no Rio. A posição só pode ser mudada transplantando-se a cidade para outra região. Para um urbanista, a posição é alta estratégia; o sítio é assunto da tática.

Quando foram feitos os planos para a construção da nova capital de Goiás, parece que se deu muita atenção ao sítio e muito pouca à posição. Ao norte de Goiânia, o principal divisor de águas entre os rios Amazonas e Paraguai corre numa direção leste-oeste e ainda está em grande parte coberto de matas. É o chamado "Mato Grosso" de Goiás. A topografia desse divisor é pouco conhecida e devia ter sido estudada cuidadosamente antes de Goiânia ter sido escolhida como sítio para a futura capital. Cruzamos o divisor de águas entre Inhumas e Itaberaí, e aqui ele é uma serra íngreme, com quase mil metros de altitude. Se as outras partes do divisor tiverem o mesmo aspecto topográfico, ele realmente separará Goiânia do resto do norte, a área futura do Estado de Goiás e da sua capital.

Ao norte de Anápolis, o mesmo divisor corre na direção norte-sul cerca de trinta quilômetros até que ele se volta de novo para leste. Mais importante é o fato de que aqui o divisor é formado por um planalto nivelado e coberto por uma vegetação rala campestre. Duas rodovias, o Caminho Federal da C. A. N. e a Estrada Transbrasiliana (entre Anápolis e Corumbá de Goiás), já tiram proveito dessa situação, indi-

cando claramente a excelente posição de Anápolis. Pelo que eu sei a respeito da geografia do sul de Goiás, devo dizer que Anápolis e não Goiânia deveria ser escolhida para a nova capital do Estado.

Sáimos de Anápolis a 23 de julho para visitar a Colônia Agrícola Nacional de Goiás que fica a 142 quilômetros a noroeste de Anápolis, na margem esquerda do rio das Almas, afluente do rio Tocantins. O Caminho Federal, construído pela administração da C. A. N. entre 1941 e 1943 corre primeiro cêrca de vinte quilômetros na direção norte através do planalto elevado; daí, êle vira para noroeste e desce para a bacia do alto Tocantins. Ao mesmo tempo, sai-se do planalto de arenito cretáceo e entra-se no embasamento composto de rochas cristalinas e metamórficas arqueanas e algonquianas. Visto que os próprios geólogos ainda não encontraram o contacto entre as duas formações, os geógrafos não se têm que preocupar sôbre a idade das rochas. Mais importante do que a idade é, para nós, o caráter petrográfico das várias formações, pôsto que dêle depende a topografia e também, em grande parte, o caráter do solo. Na região por nós percorrida, rochas tais como o granito, o gnaisse, o micaxisto formam ou morros arredondados ou planícies niveladas, ao passo que as montanhas íngremes são formadas por quartzitos.

Não sòmente as rochas mudam do capeamento para o embasamento, mas também a vegetação. Aqui, estamos claramente em uma área outrora coberta de matas. Muitas roças e pequenas fazendas indicam um povoamento relativamente recente. As florestas foram destruídas, mas ainda não houve tempo para se desenvolver uma vegetação secundária. Estamos no canto sudoeste do município de Pirenópolis e na extremidade oriental do "Mato Grosso" de Goiás.

Mais para o norte, aparece o campo cerrado, que geralmente cobre a parte mais alta dos morros, enquanto as vertentes e os vales são cobertos de florestas. Grandes fazendas, principalmente de criação, estão situadas nos vales dos rios, longe umas das outras.

4.) A cidade de Jaraguá

Ao pé da montanha mais alta da região, a serra de Jaraguá, óbviamente composta de quartzito, com uma altura relativa de 200 a 500 metros, está a cidade de *Jaraguá*. (Fig. 6). Ela foi fundada pelos mineradores de ouro em 1737, sôbre um terraço de um pequeno afluente do rio das Almas, a uma altitude de 640 metros. Em 1833 ela foi elevada à categoria de vila. Quando AUGUSTO DE SAINT-HILAIRE visitou o lugar em 1819, ela possuía cêrca de 2 000 habitantes e a planície em volta da cidade estava ainda coberta de matas. Hoje em dia, tôda a floresta

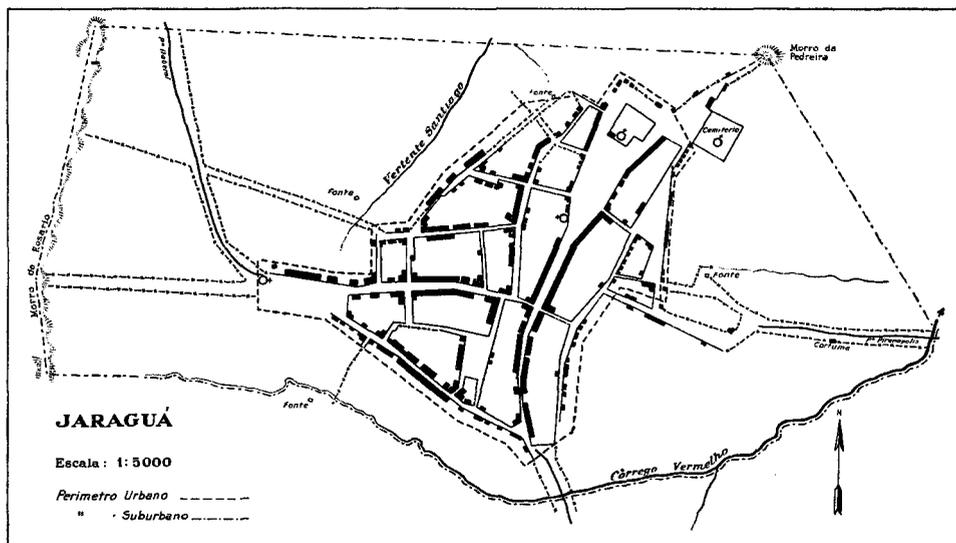


Fig. 6 — A cidade de Jaraguá, situada ao pé da serra de Jaraguá, composta de quartzito

desapareceu e o “ipê roxo” (*Tecoma species*) é muito comum nas vizinhanças da cidade; nos meses de julho e agosto, as suas flores grandes e roxas emprestavam à paisagem um traço ornamental.

Em 1882, a vila de Jaraguá foi elevada a cidade e atingiu o seu primeiro clímax. Quando se não dispunha mais do barato trabalho escravo, a indústria mineira e a cidade começaram a decair e, em 1940 esta possuía apenas 1 500 habitantes.

Como tôdas as outras cidades coloniais do Estado de Goiás, Jaraguá tem um traçado de ruas e praças regular, mas não retangular. (Veja a planta da cidade). As ruas são ligeiramente curvas e variam de largura consideravelmente. Especialmente característica é a extensão



Mapa 1 — Planta da cidade de Jaraguá

da rua principal, em forma de funil, onde estão duas igrejas. O funil exerce a função de praça principal da cidade. As praças triangulares são muito comuns nas velhas cidades de Goiás e seria interessante conhecer a idéia que deu origem a elas.

Em 1941, mesmo alguns anos antes, a vida começou a mudar na velha cidade adormecida, e em 1943 o Caminho Federal atingiu o lugar. Situada a meia distância entre Anápolis e a Colônia Nacional, Jaraguá adquiriu agora uma posição estratégica de principal ponto de parada (estação de etapa). O caminho agora entra na cidade e transporta gente e mercadorias em duas horas de viagem de Anápolis a Jaraguá, assim como os produtos da frente pioneira, arroz e feijão, chegam igualmente em duas horas da Colônia Agrícola para Jaraguá. O Caminho Federal principal contorna a cidade pelo norte, e aí surgiu, nos últimos dois anos, uma nova cidade com traçado em xadrez, que já tem cerca de cem casas. Segundo declara o prefeito, o número de habitantes duplicou de 1940 para cá, e agora monta a umas 3 000 pessoas.

O arroz é a principal mercadoria que passa pela cidade, a caminho da frente para Anápolis. Para fazer baixar o custo do transporte, uma usina beneficiadora de arroz foi instalada na cidade, para separar o joio da semente.

Os altos preços alcançados pelo arroz durante e depois da guerra foram da maior significação para o desenvolvimento da zona fronteira, no sul de Goiás. O arroz — o chamado arroz de montanha, naturalmente — cresce bem nas roças, onde a floresta foi devastada recentemente. Desta forma, os crescentes preços do arroz fizeram com que muitos fazendeiros fôssem derrubar as matas e deixassem de criar gado para se dedicarem à agricultura. Os imigrantes seguiram-lhes o exemplo, e assim começou o florescente movimento pioneiro. Muito projeto de colonização fracassou porque os colonos não levavam muito em conta qual o produto agrícola a ser pôsto à venda.

O movimento de fronteira não se limitou a Jaraguá; expandiu-se também para as áreas rurais, especialmente nas partes sul e oeste do município, onde existem ricas terras florestais. De 1940 a 1945, a população total do município de Jaraguá aumentou de 24 000 para cerca de 35 000, o que corresponde a um aumento de 50%, mais ou menos. O aumento foi maior no novo distrito de Uruana, que está situado a cerca de 60 quilômetros a noroeste da cidade de Jaraguá, na margem direita do rio Uru, afluente do rio das Almas.

5.) A região de Uruana

Aparentemente, grandes partes da bacia superior do rio Uru e seus afluentes são cobertas de florestas que, a jusante, se misturam com as florestas semelhantes do rio das Almas e formam a mata de São Patrício, assim denominada por causa do rio São Patrício, um afluente da margem esquerda do rio das Almas. Tôdas as zonas florestais da mar-



Fig. 7 — O senhor JOSÉ ALVES DE TOLEDO, o fundador da vila de Uruana

gem direita dos rios Uru e das Almas estão situadas no município de Jaraguá, ao passo que a mata da margem esquerda d'esses rios pertencem, na parte sul ao município de Goiás, e para o norte ao território da Colônia Agrícola Nacional de Goiás.

Esta enorme mancha de floresta estava em grande parte desocupada quando a estrada de ferro ainda estava de 120 a 140 quilômetros de distância da cidade de Anápolis, em 1935. Uma das primeiras pessoas que tiveram a visão, o espírito e a energia para se instalar nessa região tão remota, foi um imigrante de Minas Gerais que hoje conta 50 anos de idade, o senhor JOSÉ ALVES DE TOLEDO. (Fig. 7). Fazendo propaganda de toda espécie, especialmente escrevendo cartas a amigos e parentes



Fig. 8 — A praça da vila de Uruana com a capela erigida em 1938

nos Estados de Minas e São Paulo, êle se tornou o grande animador do progresso nessa zona. Em 1937, êle erigiu um cruzeiro na borda leste da floresta, sôbre um terraço da margem direita do rio Uru, a uma altitude de 590 metros. Um ano mais tarde, foram construídas casas e na futura praça, ergueu-se uma pequena capela que ainda é a única igreja da vila. As grandes igrejas, tão características da vida e da arquitetura das velhas cidades coloniais, primam pela ausência nas modernas cidades pioneiras. (Fig. 8).

JOSÉ ALVES DE TOLEDO chamou a nova vila de Uruana, por causa do rio Uru e do primeiro nome de sua mulher, Ana. Em 1940, Uruana tinha trinta casas e, em julho de 1946, o número delas era de 680, e novas casas estavam sendo construídas todo o tempo. A população total é estimada em cêrca de 3 000 habitantes. Dêstes, um têrço é de proprietários de terras, um têrço é de agregados, que trabalham nas fazendas, em pequenos serviços diários, e o último têrço exerce suas atividades na vila. O comércio local é bastante desenvolvido, contando o distrito de Uruana com 79 casas comerciais, número êsse maior que o do próprio distrito da sede, que conta com 47 casas comerciais. A indústria ainda está muito pouco desenvolvida, contando no entanto com duas máquinas de beneficiar arroz, que são absolutamente insuficientes para beneficiar tôda a produção local.

De acôrdo com as observações obtidas em Uruana, cêrca de 8 000 pessoas vivem na margem direita do rio Uru, no município de Jaraçuá, e cêrca de 4 000 na margem esquerda, no distrito de Rio Verde, do município de Goiás. Das 8 000 pessoas que vivem na margem direita do rio, 3 000 moram na vila de Uruana.

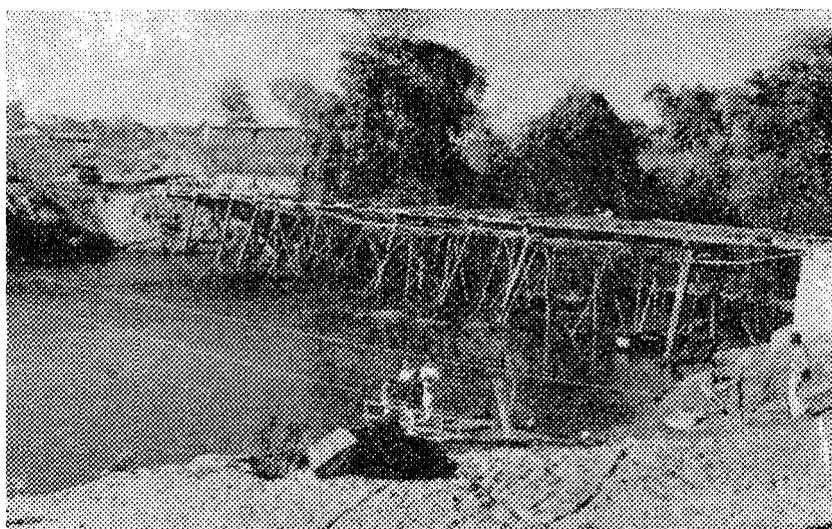


Fig. 9 — Ponte sôbre o rio Uru, em Uruana (à direita)

Por conseguinte, a população rural da mesma zona pioneira vive em dois municípios diferentes e está separada uma da outra pelo rio Uru, que até agora não pode ser atravessado por caminhões. Isto explica a localização da nova cidade no lado direito do rio, onde acaba a estrada que vem de Jaraguá. Vemos assim, que uma situação efêmera de um sistema de transporte pode dar origem a uma cidade permanente. (Fig. 9).

O tamanho médio das fazendas é 70 alqueires (350 ha. mais ou menos) na margem direita do rio Uru e 170 alqueires (850 ha.) na margem esquerda do rio. O preço de um alqueire (4,8 hectares) de mata era uns 100 cruzeiros em 1938, e 1 000 cruzeiros em julho de 1946. (Fig. 10). As terras de segunda qualidade são vendidas atualmente a 500 cruzeiros o alqueire.

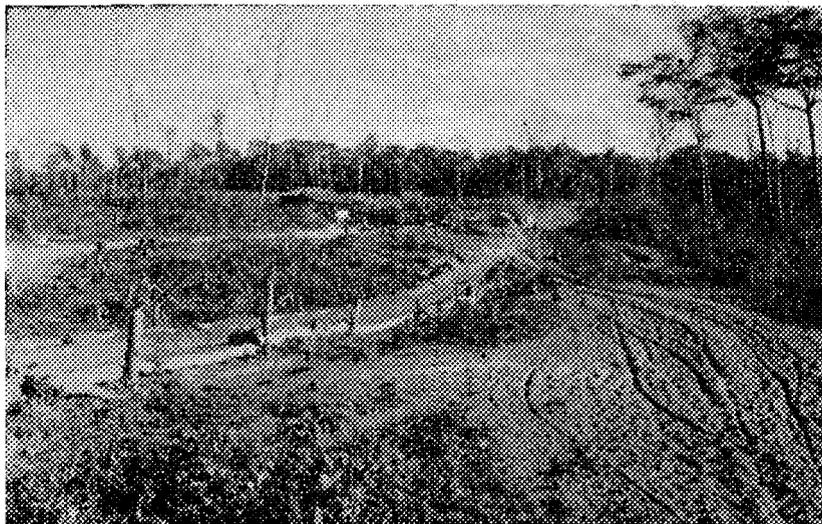


Fig. 10 — Uma fazenda na margem esquerda do rio Uru, ainda em grande parte cercada pelo mato

O arroz é o produto mais importante da zona; em 1945 produziam-se 180 000 sacas de 60 quilos. Como a safra média por alqueire é de 200 sacas mais ou menos, segue-se que cêrca de 900 alqueires, ou 4 356 hectares foram cultivados com arroz. A produção de feijão é apreciável e a de milho também, esta última quase que em sua maior parte utilizada para a criação e engorda de suínos, exportados sob a forma de banha ou mesmo vivos. A produção de gado bovino não é grande, possivelmente devido ao fato de que as matas estão sendo derrubadas há pouco tempo, e ainda se não procedeu ao plantio do capim.

Perto de 18 quilômetros para o norte de Uruana, no município de Goiás, justamente fora dos limites do território da Colônia Agrícola Nacional, desenvolveu-se há poucos anos um outro povoado,

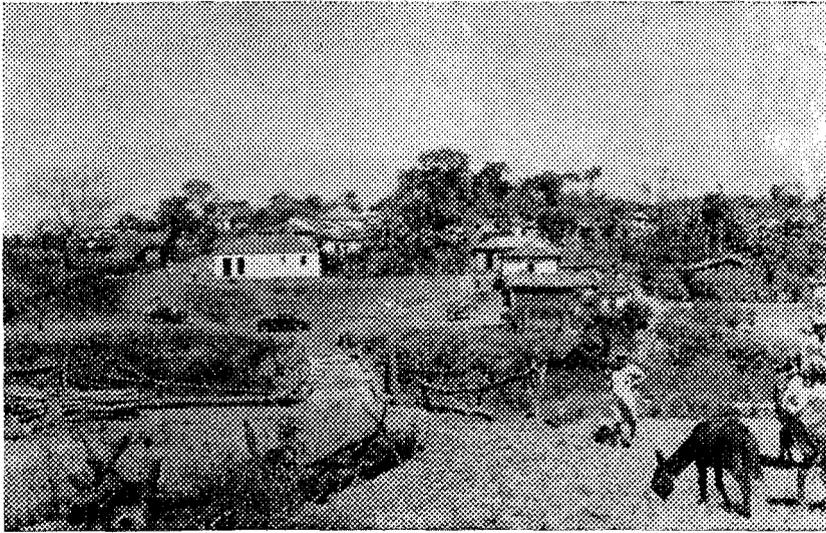


Fig. 11 — O novo povoado de Rio Verde, localizado na margem direita do rio Verde, no lado oposto ao da Colônia Agrícola

chamado Rio Verde. Presentemente moram lá cêrca de 100 famílias, sendo 10% de lavradores. A origem e o desenvolvimento dêste povoado depende em grande parte do da Colônia Agrícola Nacional, com a qual êle se comunica por uma estrada. Até agora nenhuma estrada existe entre as cidades de Rio Verde e Uruana. (Fig. 11)

Quando saímos de Anapólis para visitar a Colônia Agrícola Nacional não sabíamos nada sôbre a colonização espontânea do vale do rio Uru por particulares, e a passagem por Uruana foi uma grande surpresa para nós. E quando saímos de Jaraguá para a Colônia Agrícola Nacional, eu estava certo de que a próxima paisagem cultural que iríamos ver seria a da C. A. N. Mas de novo eu me enganei.

6.) A região oposta à C. A. N., na margem direita do rio das Almas

De Jaraguá para o norte há uma área de gnaisse e granito com uma paisagem ondulada, com altitudes entre 500 e 600 metros. O Caminho Federal vai em reta através de colinas arredondadas e vales largos e está em excelentes condições. A construção da estrada foi muito fácil especialmente sôbre os afloramentos de granito, onde uma fina cobertura de solo acinzentado repousa sôbre uma crosta dura de cascalho. A vegetação nesses lugares é campo limpo e campo sujo.

Onde afloram micaxistos, o solo é mais profundo, toma uma coloração mais escura e sustenta uma vegetação de campo cerrado.

Alguns quilômetros antes de chegarmos ao rio das Almas, o terreno ganha altitude e adquire a forma de um planalto mais ou menos nivelado, com 600 a 700 metros em média. De repente, o solo se torna vermelho escuro para roxo e a vegetação se transforma numa floresta alta e luxuriante. Pelas observações que fiz mais tarde, do outro lado do rio das Almas, concluí que a súbita mudança na paisagem natural é devida à ocorrência de uma rocha eruptiva básica escura, gabro-diorito.⁴ Grandes tratos desta floresta foram derrubados na margem direita do rio das Almas e estão cercados de arame farpado. Os troncos altos e finos da bela palmeira guariroba dão um traço marcante a estas clareiras. (Fig. 12).

Mais tarde encontramos clareiras semelhantes em tôda a margem direita do rio das Almas, mesmo em frente à C. A. N. Aí, a criação de gado é a principal indústria nas terras florestais queimadas, plantadas depois com gramíneas forrageiras. O próprio diretor da C. A. N. tinha comprado 1 500 hectares de terras dêste lado do rio para criar gado para o futuro mercado da Colônia Agrícola, onde as propriedades agrícolas são pequenas demais para permitirem a criação de gado em

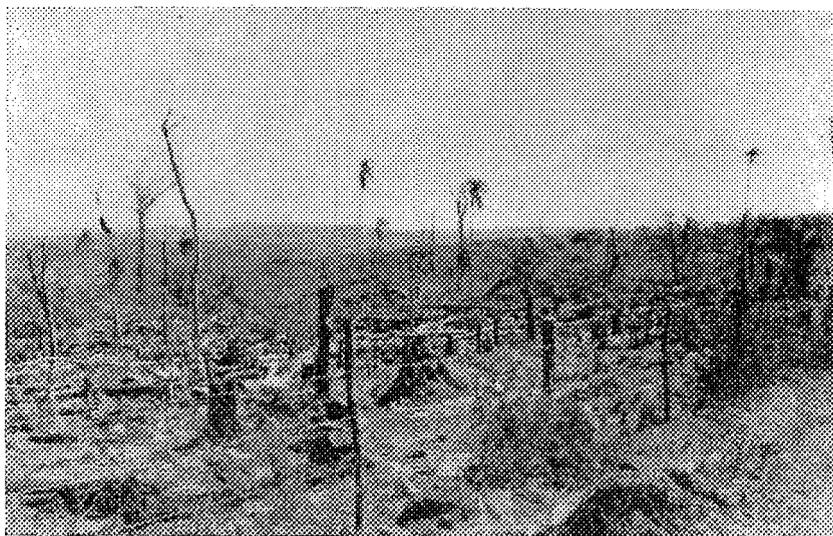


Fig. 12 — Uma derrubada na margem direita do rio das Almas, do lado oposto à sede da Colônia Agrícola

grande escala. Aí, os preços da terra subiram fantásticamente a partir de 1941, quando um alqueire valia 17 cruzeiros, até 1946, quando se pagavam 3 000 a 4 000 cruzeiros por um alqueire de mata de primeira classe. Naturalmente, apenas gente de dinheiro pode dar-se ao luxo de

⁴ Agradeço ao Dr. Vítor LIMA a classificação das amostras de rochas por nós colhidas em nossa viagem.

instalar-se nessa zona e, portanto, o tipo social dos pioneiros é tão diferente do da Colônia Agrícola Nacional quanto o propósito da produção.

Quando finalmente atravessamos o rio das Almas e entramos no território da C. A. N., estávamos ainda na mesma paisagem natural, altas florestas com solo de vermelho a roxo, mas a paisagem cultural e a população são inteiramente diferentes.

7.) A Colônia Agrícola Nacional de Goiás

Na margem direita do rio das Almas, não encontramos uma grande cidade que correspondesse a Uruana, mas somente quatro a cinco casas de um povoado em início. O rio pode ser cruzado por uma ponte de madeira em carros e caminhões, e a sede da Colônia está situada sobre um terraço a cerca de 500 metros de distância do rio, a uma altitude de 530 metros; o nível do leito do rio está a cerca de 520 metros.

Ao entrar-se na Colônia compreende-se desde o primeiro momento que aqui é uma área de vida planejada e controlada.

A Colônia Agrícola Nacional de Goiás foi criada por um decreto do Presidente da República de 14 de fevereiro de 1941, num conjunto de seis Colônias Nacionais fundadas no Brasil ao mesmo tempo.

De acôrdo com o decreto,

- 1) A área do lote varia de 20 a 50 hectares. (Artigo 4.º § 1.º).
- 2) Os lotes serão concedidos somente a pessoas reconhecidamente pobres (artigo 20).
- 3) Aos colonos são dados gratuitamente ferramentas, instrumentos, casas, etc. (artigo 12).
- 4) A terra também será dada gratuitamente. Embora os lotes sejam concedidos gratuitamente aos beneficiários, não são eles proprietários das terras, mas somente do que nela produzirem. A expedição definitiva dos títulos de propriedade será decidida pela Divisão de Terras e Colonização do Ministério da Agricultura, no Rio de Janeiro.
- 5) Até a expedição do título definitivo de propriedade, o ocupante do lote não poderá vender, hipotecar, transferir, alugar, etc., o lote, a casa e as benfeitorias. (Artigo 18). Durante o mesmo período ele está isento de impostos.
- 6) As Colônias Agrícolas Nacionais serão administradas por agrônomos de reconhecida capacidade profissional e reputação ilibada.

(Artigo 31).

Dêstes estatutos torna-se claro que era o principal objetivo dessas Colonias Nacionais criar o que se chamam nos Estados Unidos, *homestead farms*, pequenas propriedades agrícolas possuídas por aqueles que trabalham na terra. Que a terra seria dada de graça à gente pobre, é apenas uma modificação do princípio da *homestead*. Em com-

pensação por êstes benefícios, o pioneiro tem que se submeter a regulamentos estritos que lhe cerceiam consideravelmente a liberdade econômica. A última instância é a Divisão de Terras e Colonização, no Rio de Janeiro. Como o Rio está longe, o sucesso ou a falência dessas Colônias está em grande parte nas mãos do administrador e dos seus assistentes. Estas personalidades desempenham um papel fundamental nas

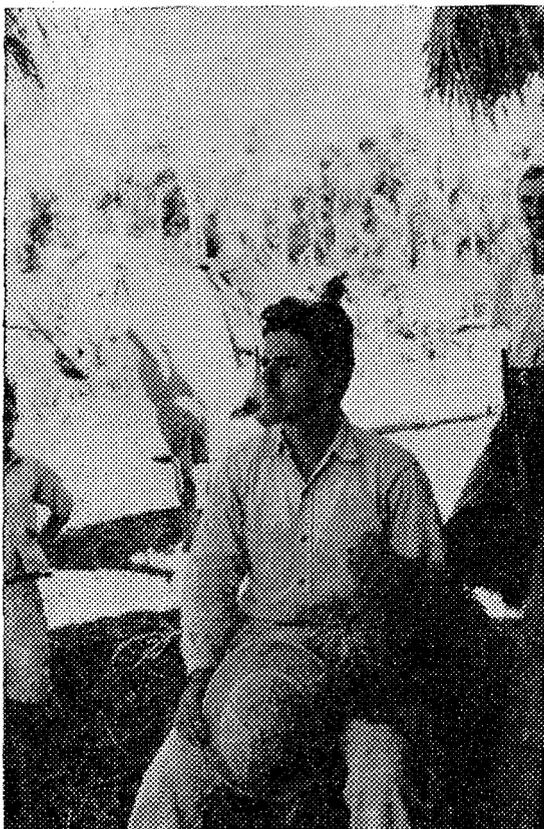


Fig. 13 — Dr. BERNARDO SAIÃO CARVALHO DE ARAÚJO, *diretor da Colônia Agrícola Nacional de Goiás.*

zonas pioneiras. Felizmente, a administração da C. A. N. de Goiás foi confiada a um homem que foi talhado como um verdadeiro pioneiro: o Dr. BERNARDO SAIÃO CARVALHO DE ARAÚJO. Ele é um homem de uma energia fora do comum, espírito empreendedor e de visão, e goza do respeito, se não da admiração da população. (Fig. 13).

A primeira tarefa do Dr. SAIÃO foi a construção da rodovia federal de Anápolis para a Colônia. Ela foi concluída em março de 1944, e a partir desse tempo começou o trabalho efetivo. Naquela época, viviam lá somente cerca de 10 famílias na Colônia; em julho de 1946 foram computadas aproximadamente 1 600, ou perto de 8 000 pessoas, das quais cerca de 75% de mulatos ou negros.

É espantoso o que se conseguiu em dois anos. Na futura sede da Colônia foram construídos um edifício de dois andares para os escritórios da administração, um almoxarifado, uma oficina mecânica, uma serraria, um hospital. Todos os edifícios são de madeira, que é abundante e de boa qualidade na floresta. (Fig. 14).

Um engenho de açúcar está sendo construído com as peças de um engenho de Sergipe, velho e em péssimo estado de conservação, que o Instituto do Açúcar e do Alcool desmontou e enviou para a Colônia Agrícola. O engenho trará grandes vantagens para a região, incentivando a produção da cana de açúcar e proporcionando, por isso, mais uma fonte de renda aos colonos. A produção de álcool e açúcar tornará a Colônia economicamente mais independente, e fornecerá recursos para a construção de outras indústrias.

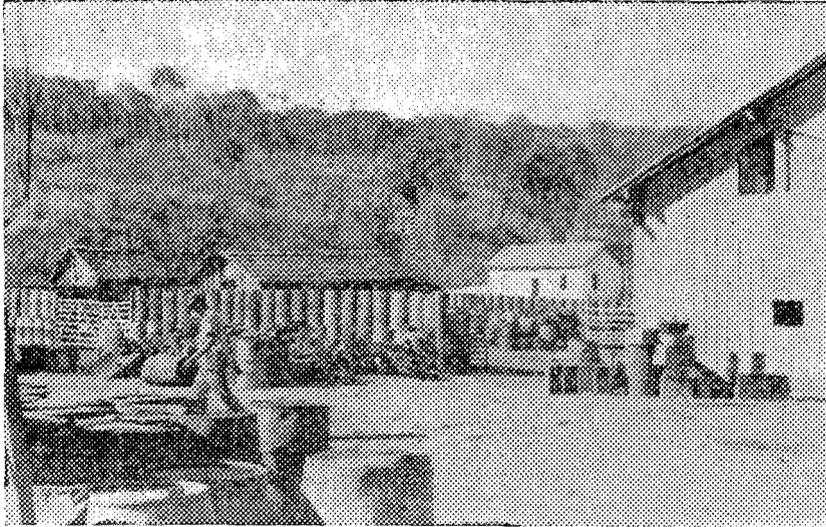


Fig. 14 — A sede da Colônia Agrícola Nacional de Goiás. Aspecto da entrada do Almozarifado

Embora um plano completo da futura cidade já tenha sido preparado pelo escritório Saturnino de Brito, só algumas casas residenciais já foram construídas. A cidade terá provavelmente o nome de “Ceres”, indicando que a produção agrícola será a principal finalidade da Colônia. Dado o objetivo da Colônia, que é colonizar e povoar suas terras, grandes criações de gado, exigindo vastas propriedades, são expressamente proibidas.

Na sua grande maioria os habitantes são provenientes de outros Estados, predominando entre eles os naturais de Minas Gerais, que formam cerca de 60% da população da Colônia. Dos restantes, 20% são goianos e 20% de outros Estados, principalmente paulistas e nor-



Fig. 15 — Quatro membros de uma família de treze pessoas, que chegaram na véspera, a pé, de Itaberai, levando com eles todos os seus apetrechos

tistas, registando-se, não obstante famílias até do Rio Grande do Sul. Os mineiros são na maior parte do oeste de Minas e das zonas fronteiriças de Goiás, e algumas poucas famílias do sul do Estado.

As famílias vindas de Minas Gerais geralmente vão de trem até Anápolis e daí seguem de caminhão até a Colônia. As famílias vindas do norte, oeste e sul do país jornadeiam geralmente a pé, a cavalo ou de caminhão. Nos últimos meses, a imigração tem sido considerável, dias havendo em que a administração assinala a chegada de 30 famílias.

O estado físico e higiênico das famílias que chegam à Colônia é geralmente deplorável: maltrapilhos, sub-nutridos e atacados por males endêmicos, dão-nos a impressão da escória de um povo. Para contra-

balançar, entretanto, revelam-se nos otimistas e trabalhadores, sendo muito hospitaleiros e possuindo bom coração. Com a ajuda material e técnica da Colônia, conseguem sensível melhoria no seu padrão de vida. (Fig. 15).



Fig. 16 — Uma casa primitiva construída por uma família de imigrantes

Logo que os novos colonos recebem um lote, começam a derrubar a floresta e a construir uma casa primitiva. (Fig. 16). Os lotes são alinhados, com uma pequena frente, ao longo de rios e estradas, estendendo-se daqui para o interior por uma faixa longa e estreita. Este foi o tipo de apropriação de terras que foi aplicado nos últimos tempos medievais para a colonização da Alemanha oriental. A sua idéia é dar a cada colono uma parcela igual das férteis terras ribeirinhas, bem como das

terras menos ricas das encostas e das pobres das colinas.

Perto da sede da administração, onde foram levantadas as primeiras residências, a administração já forneceu aos colonos bonitas casas, feitas de tijolos. A floresta desapareceu em grande extensão, dando lugar a campos, pomares e pastagens. A figura 17 dá-nos uma idéia de como será a colônia dentro de uns cinco ou dez anos. A paisagem de casas dispersas alinhadas ao longo de uma estrada se parece, de fato, com algumas áreas de *homesteads* que eu vi no sul dos Estados Unidos.

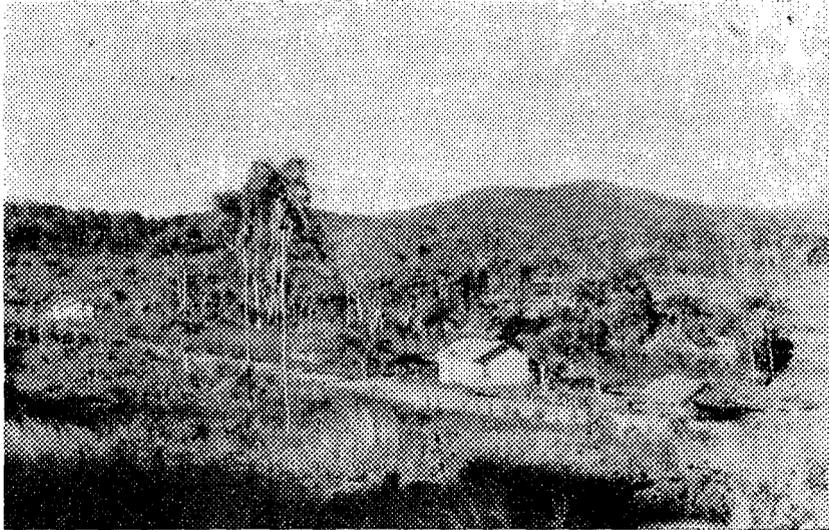


Fig. 17 — O tipo de casa que a administração constrói para as escolas

Mas o grande problema é: Será a situação econômica e social destes colonos tão boa quanto a da média do fazendeiro de um *homestead* americano? Terá êxito a Colônia Agrícola Nacional na criação de uma classe de pequenos proprietários que usam a terra mais efetivamente do que o faziam os velhos fazendeiros? Ficarão êles radicados ao solo e criarão uma próspera sociedade rural?

Na minha opinião, esta, bem como tôdas as outras Colônias Agrícolas Nacionais enfrentam uma grande dificuldade, que reside no princípio das próprias colônias.

Os artigos 4.º, § 2.º, e 24, b, dos estatutos, se rigorosamente executados, significarão uma revolução nos métodos agrícolas tradicionais do Brasil. De acôrdo com o artigo 4.º, § 2.º, “em cada lote será mantida uma reserva florestal não inferior a 25% da sua área total”. E, conforme o artigo 24, b, “será excluído do lote o colono que desvalorizá-lo, explorando matas sem o imediato aproveitamento agrícola do solo e o respectivo reflorestamento, em desacôrdo com o plano aprovado”.

Todos sabem que, até agora, a prática de quase todos os agricultores do Brasil tem sido derrubar e queimar as matas, usar a terra durante alguns anos e depois mudar-se para outra mata, a fim de recommençar o mesmo ciclo. Quando se pergunta aos imigrantes de Minas Gerais por que razão êles vieram para Goiás, êles dizem: — “porque não há mais florestas em Minas”. A gente que vem para a Colônia Agrícola certamente espera aplicar o mesmo processo agrícola. Mas na Colônia dizem-lhes que se não pode cogitar disso, que êles agora têm que passar da agricultura migratória para a permanente, da rotação de terras para a rotação de culturas. Isto é realmente o que deveriam fazer e do que o Brasil precisa.

Mas como executar tal revolução com essa pobre gente extremamente sem educação? Como inculcar o novo princípio de agricultura a

gente que não possui a terra, que não pagou um simples cruzeiro por ela e que poderá mudar-se quando bem desejar? Existe, sem dúvida, o grande perigo de que essa gente se ponha de novo a gastar o solo, queimando as matas e ganhando dinheiro em poucos anos; e também o de que êles se vão embora, logo que tenham de aplicar processos agrícolas mais intensivos e menos fáceis.

Além disso, a Colônia Agrícola Nacional de Goiás está cercada por uma outra área agrícola, na qual os agricultores têm dez a vinte ou trinta vezes mais terra do que a gente da Colônia, e que ainda continuam a desperdiçar a mata e a enriquecer com isso. Esta vizinhança de uma colônia livre e próspera logo do outro lado do rio Verde, é um fator da maior significação, que torna a C. A. N. de Goiás uma experiência social e econômica interessante, mas também muito difícil. A educação será o principal problema desta e de outras Colônias Agrícolas Nacionais.

Outras dificuldades provavelmente surgirão do fato de que nem a área nem o caráter das terras da C. A. N. de Goiás são conhecidas exatamente. Nem tampouco parece ter sido feito levantamento científico e topográfico de toda a área da colônia. A região, que consiste de terras devolutas pertencentes ao Estado de Goiás, foi escolhida para sítio duma Colônia Nacional principalmente por causa da sua abundante vegetação florestal e do seu suposto solo rico. Quanto a êste último não há dúvida sobre a sua existência na área ao redor da sede da administração. Aqui se vê ao longo dos cortes da estrada de rodagem por toda parte um solo argiloso cuja cor vai do violeta à superfície ao vermelho escuro e vermelho claro à profundidade de 2 a 3 metros. A rocha matriz destes profundos e férteis solos vermelhos consiste de gabro-diorito e gabro-norito. Para o norte da sede da colônia o solo é dito tornar-se menos favorável, e aqui a vegetação de campo cerrado aparece.

Um fator de primordial importância em qualquer esquema de colonização nos trópicos é a altitude: dela dependem em grande parte as condições sanitárias e de saúde do povo. De acordo com a informação que nos foi dada pela administração da colônia, o sítio do lugar escolhido para sede da colônia fica entre 610 metros (rio das Almas) e 725 metros. Segundo nossas observações a altitude do rio das Almas é 525 metros e o ponto mais alto do proposto sítio da cidade está a 625 metros. A diferença de 100 metros entre nossos algarismos e aquêles da administração pode bem significar a diferença entre a quente e insalubre *tierra caliente* e as *tierras templadas* com suas melhores e mais salubres condições climáticas. A malária é tida inexistente na sede, mas ocorre mais ao norte desta durante a estação chuvosa.

A área da Colônia Agrícola Nacional de Goiás tem uma forma mais ou menos retangular; ela é limitada pelo rio São Patrício ao norte, pelo rio das Almas a leste e pelo rio Verde ao sul. A oeste, a divisa segue uma linha artificial que vai do alto rio Verde na direção norte-este-norte ao rio São Patrício, seguindo aparentemente uma elevação baixa, que é um divisor de águas secundário. (Ver o mapa n.º 2

ou 3 preparado pela administração da Colônia). A área total da Colônia é de cerca de 2 472 quilômetros quadrados, de acordo com as medições planimétricas feitas sobre o mapa n.º 2.

O mapa mostra a divisão da área da Colônia em duas partes. A seção oriental, com uma área de cerca de 973 quilômetros quadrados, é completamente coberta de mata; até agora somente esta parte tem sido desenvolvida.

Em 31 de dezembro de 1946 haviam sido apropriados 1 485 lotes com cerca de 30 hectares cada um e tinham sido demarcados 550 lotes. Os 1 485 lotes apropriados ocupam uma área de cerca de 44 500 hectares ou 45,7% da área total da parte oriental. A área já ocupada se estende ao longo das cinco seguintes linhas (ver mapa ns. 2 ou 3).

1) ao longo do córrego Grande, um afluente da margem esquerda do rio Verde;

2) ao longo de uma estrada que vai da vila de Rio Verde, em direção leste, à sede da Colônia;

3) ao longo da estrada que vai da sede em direção norte, até o córrego Fartura;

4) ao longo da margem esquerda do rio das Almas e da estrada que vai da sede à vila de Sant'Ana;

5) ao longo da estrada que vai da curva desta última estrada para o norte, até o povoado de São Patrício.

Através das terras ainda não ocupadas da parte oriental foi aberto um sistema de picadas que serão as linhas do povoamento futuro. É idéia da administração criar pequenos povoados nos pontos de cruzamento dessas linhas; eles funcionarão como centros culturais (escolas) e sociais das áreas rurais circunvizinhas.

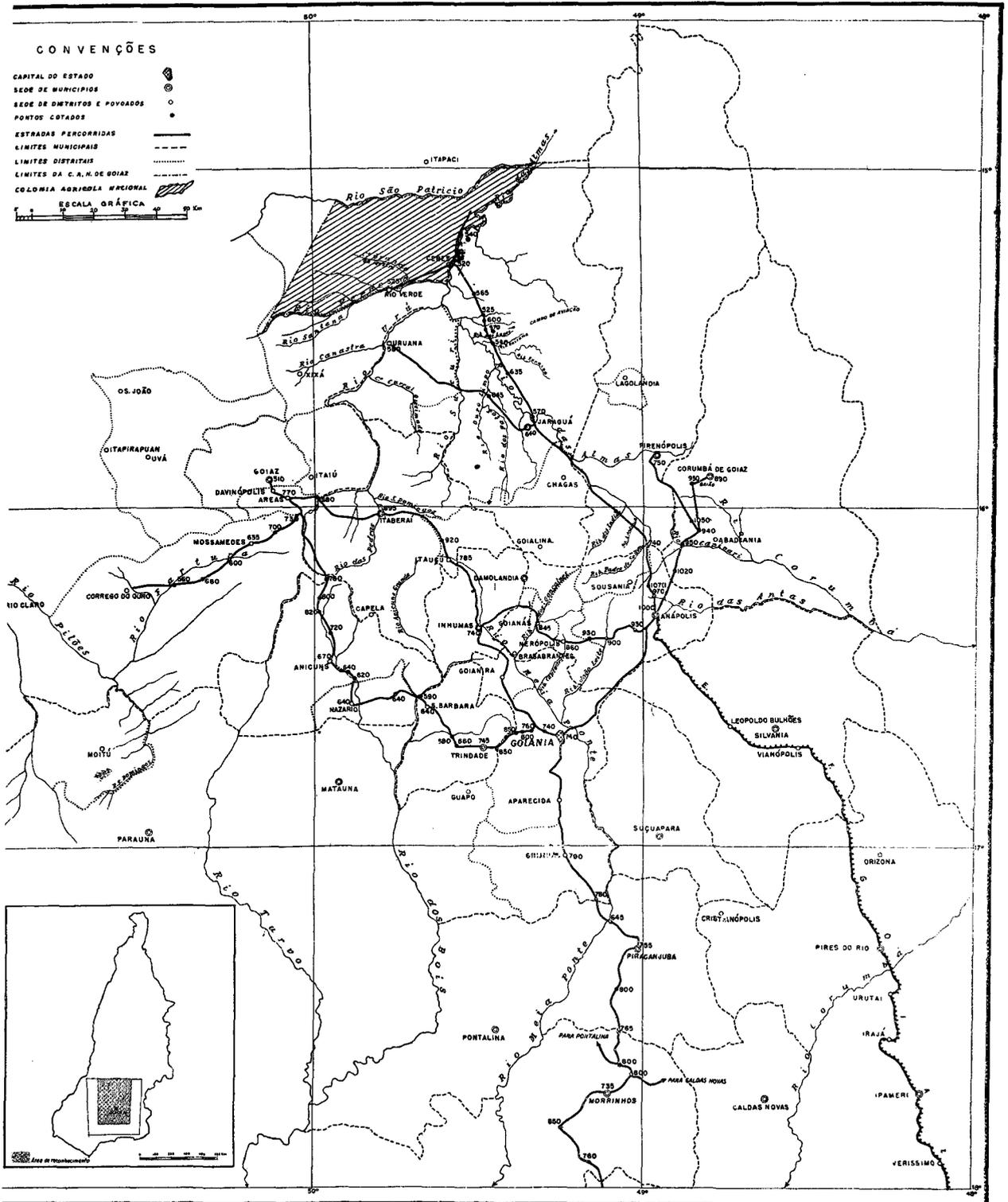
A 31 de dezembro de 1946 a área cultivada montava em 17 375 hectares ou sejam 11,7 hectares por lote ocupado; isto significa que cerca de um terço da área de cada lote foi derrubado e dois terços estão ainda cobertos de mata. Neste estágio de colonização há ainda muita terra disponível para cada colono, de maneira que eles podem aplicar o sistema agrícola primitivo que consiste em queimar a floresta e plantar sem prestar muita atenção à rotação de cultura ou à conservação do solo. Em virtude da fertilidade do solo da floresta primitiva, as safras são muito grandes.

Em 1936/47, a safra estimada foi de:

Milho em sacas de 60 kg.	280 000
Arroz " " " " "	150 000
Feijão " " " " "	20 000
	<hr/>
	450 000

Estes 450 000 sacos de produtos alimentícios representam muito mais do que o consumo da população local, que é de cerca de 2 000 pessoas, dispondo-se portanto de uma grande sobra de alimentos para exportação. O problema de encontrar um mercado para o excesso de alimentos desta remota área já preocupa a administração da colônia.

VIAGEM DE RECONHECIMENTO AO SUL DE GOIÁS REGIÃO E ESTRADAS PERCORRIDAS



Cêrca de 12 000 sacos de açúcar de fórmula e 15 000 sacos de açúcar cristal foram processados por 40 banguês. Além disso, a colônia produziu perto de 3 000 sacos de café beneficiado que foi colhido em cafèzais velhos, estabelecidos por antigos fazendeiros.

A criação de gado é insignificante, em parte por causa da pouca idade da colônia e em parte devido ao pequeno tamanho das propriedades agrícolas. A administração pretende estabelecer fazendas maiores nas terras de campo da parte ocidental, onde será dada ênfase à criação de gado, enquanto as áreas florestais serão entregues a pequenos proprietários que se dedicarão à agricultura. A área da parte ocidental, segundo a linha limítrofe mostrada no mapa n.º 2, é de cêrca de 1 500 quilômetros quadrados; contudo, as linhas de limites ainda não foram estabelecidas definitivamente nem foi feito nenhum levantamento da parte ocidental.

*

RÉSUMÉ

Deux faits ont vivement frappé l'auteur de ce travail: les énormes dimensions du pays et le riche matériel géographique accumulé au C. N. G., surtout la collection des cartes municipales.

Pour lui, on ne peut plus considérer Goiás comme une région inconnue au point de vue de la géographie et, par ses richesses naturelles, elle doit tenir un rôle décisif dans la marche vers l'ouest, ainsi que dans l'avenir de la Nation. Il a commencé son travail à Goiás, car il désirait étudier les problèmes de colonisation et les relations entre la végétation originale et les transformations survenues avec les activités humaines. En se détenant à l'observation de l'influence de la marche vers l'ouest dans la région d'Anápolis, il a observé que la bande pionnière est localisée à la lisière de la civilisation et à la périphérie des aires habitées, tandis qu'à la ville de Goiás elle ne se situe pas à l'ouest, comme en général au Brésil, mais à l'est de l'ancienne zone peuplée.

Il étudie le peuplement des *garimpeiros* et prospecteurs de mines et le changement apporté par l'arrivée du chemin de fer, qui vient du Triângulo Mineiro. Il compare le front pionnier à un front militaire, l'agriculteur pionnier étant un soldat qui combat la nature. Anápolis est la base de la zone pionnière du sud de Goiás. Il décrit le plateau d'Anápolis et met en relief ses ressemblances avec certains plateaux de l'Africa du Sud, dans lesquels le *veld* africain est l'équivalent des *campos* du centre du Brésil.

L'auteur étudie en particulier les sources qui jaillissent en certaines dépressions recouvertes de vigoureux buissons (*capões*) qui faute de meilleur mot, il appelle *dales*, et qu'il considère de la plus grande importance pour la vie économique et le peuplement des grands plateaux.

Il décrit et fait des considérations sur la ville d'Anápolis, nouveau centre commercial de Goiás, sur Jaraguá, ancien centre de minération, aujourd'hui en "position stratégique de principal *stahon*"; sur Uruana, dont la population rurale habite deux municipes différents, etc.

Il décrit encore la Colonie Agricole National de Goiás, qui est desservie par une bonne route, une aire où la vie est plannée et contrôlée et où presque 8 000 personnes cultivent le sol. L'objectif de cette colonie est la formation de petits centres agricoles dans cette zone forestière, qui doivent obligatoirement conserver une grande partie de la forêt. Ceci ne s'accorde pas avec le caractère de nos cultivateurs; l'auteur discute ce point, laissant transparaître des doutes sur la réussite probable de ce système de rotation de cultures préféré à la rotation des terres. La localisation de la colonie constitue, selon l'auteur, une intéressante expérience sociale et économique; elle fut déterminée surtout par la présence de la forêt, ce qui presuppose un sol riche. Un des facteurs d'importance primordiale dans tout schéma de colonisation est l'altitude, qui est à peine modérée dans cette région.

Les informations sur les activités de la colonie complètent l'intéressant article du Prof. LEO WAIBEL.

RESUMEN

Dos hechos impresionaron grandemente al autor de este trabajo Prof. LEO WAIBEL las enormes dimensiones de nuestro país y la riqueza de material geográfico acumulado en el C. N. G., resaltando entre todo, la colección de mapas municipales.

Para él, Goiás no debe considerarse más como tierra incógnita bajo el punto de vista geográfico, y, en virtud de sus recursos naturales está destinado a desempeñar un papel decisivo en la marcha para el oeste y en el futuro de la nación. Su trabajo fué iniciado en Goiás porque deseaba estudiar los problemas de colonización y las relaciones entre la vegetación original y su transformación por la actividad humana. Demoróse a observar la influencia de la marcha para el oeste en la región en torno de Anápolis; observó que la faja pionera está situada en la franja de la civilización y en la periferia de las áreas habitadas, mas em Goiás, no está al Oeste, como es el caso general en el Brasil, mas sí al Este de la vieja zona poblada.

Trató del poblamiento por los *garimpeiros* y prospectores de minas y de la mudanza ocurrida con la aproximación de la vía férrea que viene del triángulo minero. Compara el frente pionero con un frente militar siendo el agricultor pionero un soldado que combate la naturaleza. Anápolis es a base de la zona pionera del Sur de Goiás. Describe la meseta de Anápolis y pone en evidencia sus semejanzas con ciertas mesetas del Africa del Sur, siendo el *veld* africano un equivalente del campo del centro del Brasil.

Estudia especialmente las nacientes en ciertas depresiones cubiertas por vigorosa vegetación, que él, a falta de mejor término, llama de *dales*, considerándolas de gran significación para la vida económica y para el poblamiento de los planaltos.

Describe y hace consideraciones sobre la ciudad de Anápolis, "nuevo centro comercial de Goiás"; sobre Jaraguá, antiguo centro de mineración, ahora *posição estratégica como importante ponto de parada*; sobre Uruana, cuya población rural vive en dos municipios diferentes, etc.

Describe la Colonia Agrícola Nacional de Goiás, área de via bien planeada y controlada, a la cual se llega hoy por una buena carretera y donde cerca de 8 mil personas se dedican a la Agricultura. La finalidad de dicha Colonia es la creación de pequeños núcleos agrícolas en aquella zona florestal con la obligación de conservar gran parte de la floresta. Esto está en desacuerdo con la índole de nuestros agricultores. Este punto es discutido por el Autor que deja transparecer ciertas dudas sobre el éxito del sistema de rotación de culturas en vez de rotación de tierras. La localización de esa colonia que constituye según el autor una interesante experiencia social y económica, fué determinada principalmente por la presencia del área florestal, que presupone un suelo rico. Un factor de primordial importancia en cualquier esquema de colonización es la altitud y la de esta Colonia es apenas moderada. Datos sobre las actividades de la misma Colonia completan el interesante artículo.

RIASSUNTO

L'autore, Prof. LEO WAIBEL, ammirando la straordinaria vastità del Brasile, comincia col rilevare la ricchezza del materiale geografico riunito dal Consiglio Nazionale di Geografia, fra cui ricorda specialmente le carte dei municipi.

Entrando, poi, a trattare del suo tema, avverte che Goiás non dev'essere più considerato terra incognita, dall'aspetto geografico, e che, mercè le sue risorse naturali, questo Stato avrà una parte molto importante nella "marcia verso Occidente" e nell'avvenire del paese. L'autore cominciò i suoi studi sul Brasile in Goiás, per esaminarvi i problemi della colonizzazione e le relazioni tra la vegetazione originaria e la sua trasformazione per opera dell'uomo. Osservò l'influenza della marcia verso Occidente, in ispecie nella regione di Anápolis, e notò che la zona di avanzata si trova al limite del territorio aperto alla civiltà ed al popolamento, ma non ad Ovest della zona di antica colonizzazione, come nel resto del Brasile, bensì ad Est.

Accenna all'immigrazione di ricercatori d'oro e pietre preziose ("garimpeiros") e di miniere, e pone in rilievo i mutamenti arrecati dall'avvicinarsi della linea ferroviaria, che parte dallo Stato di Minas Gerais. Paragona il fronte dei pionieri con un fronte militare, poichè il pioniere combatte anch'egli, contro la natura. Anápolis è la base dell'avanzata nel Sud di Goiás. Descrivendone l'altopiano, l'autore nota la sua somiglianza con certi altipiani sud-africani; al "veld" di là, corrisponde il "campo" del Brasile Centrale.

S'intrattiene sulle sorgenti che sgorgano in certe depressioni, coperte di vigorosa vegetazione boschiva ("dales", o vallette), importanti per il popolamento e per l'economia degli altipiani.

Descrive e commenta i caratteri di Anápolis, nuovo centro commerciale di Goiás; di Jaraguá, antico centro minerario, ed ora importante tappa sulla via dell'Occidente; di Uruana, la cui popolazione rurale è divisa fra due municipi; e di altri centri.

Descrive anche la Colonia Agrícola Nazionale di Goiás, alla quale oggi si giunge per una buona strada ordinaria: vasta area, in cui la vita di circa 8 mila lavoratori della terra si svolge secondo un piano. Il fine della colonia consiste nella costituzione, in quella zona forestale, di piccoli nuclei agrari, obbligati a conservare gran parte della foresta, contrariamente a quel che sogliono fare i nostri agricoltori. L'autore, però, nutre dubbi sul successo del sistema di rotazione delle colture, in sostituzione di quello di rotazione delle terre. La posizione della colonia — interessante esperimento sociale ed economico — fu scelta specialmente in considerazione della presenza della foresta, indizio di ricchezza del suolo. Un fattore essenziale di qualsiasi progetto di colonizzazione è costituito dall'altezza; in questo caso l'altezza è scarsa. Dati sull'attività della colonia completano l'articolo.

SUMMARY

Two facts have greatly impressed the author of this work: the enormous dimensions of this country and the richness of geographical material accumulated by the C. N. G., the collection of municipal maps standing out above everything else.

For him, Goiás should no longer be considered "terra incognita" from the geographical point of view, and by virtue of its natural resources, it is destined to fulfill a decisive role in the eastward march and in the future of the Nation. His work was begun in Goiás because he wished to study the problems of colonization and the relations between the original vegetation and its transformation by human activity. He lingered to observe the westward march in the region about Anápolis, and he saw that the pioneer strip is situated on the fringe of civilization and on the periphery of inhabited areas, but in Goiás it lies, not to the west, as is the general case in Brazil, but to the east of the old populated area.

He treats of the settling of the region by prospectors and miners, and of the change that occurred with the approach of the railroad, coming from the triangle of Minas. He compares the pioneer front to a military front, the pioneer farmer being a soldier who combats nature. Anápolis is the base of the pioneer zone in southern Goiás. He describes the plateau of Anápolis and brings out its resemblance to certain plateaus in southern Africa, the African "veld" being equivalent to the "campo" of central Brazil.

He makes a special study of the springs in certain depressions which are covered with vigorous groves of trees. For want of a better term, he calls these places "dales", and considers them of major significance for economic life and for the settlement of these open plateaus.

He describes and speculates about the city of Anápolis "the new commercial center of Goiás"; about Jaraguá, the old mining center, and now in a "strategic position as the principle stopping-place"; about Uruana, whose rural population lives in two different townships, and so on.

He describes the National Agricultural Colony of Goiás, an area of planned and controlled life, reached today by a good highway, where about eight thousand people are doing agricultural work. The purpose of this colony is the creation of small agricultural nuclei in this forested region, with the duty of conserving a great part of the forest. This is not in accord with the natural disposition of our agricultural population; this point is discussed by the author, who allows certain doubts to take shape concerning the success of this system of rotation of crops instead of the rotation of land. The site of this colony, which constitutes, according to the author, an interesting social and economic experiment, was decided upon principally on

account of the presence of the forested area, which presupposes a rich soil. A factor of first importance in any scheme of colonization is the altitude, and that of this colony is only moderately high.

Information about the activities of the colony complete the interesting article by Professor LEO WAIBEL.

ZUSAMMENFASSUNG

Zwei Tatsachen beeindruckten den Verfasser dieser Arbeit besonders: Die enormen Ausmasse dieses Landes und der Reichtum des geographischen Materials, welches im Nationalen Rat für Erdkunde gesammelt ist, wobei er besonders die Sammlung der Karten der verschiedenen Städten und ihrer Bezirke hervorhebt.

Seiner Meinung nach darf man den Staat Goiaz nicht mehr als unbekannt vom Standpunkt der Geographie aus gesehen, betrachten, und unter Berücksichtigung seiner natürlichen Reichtümer ist er bestimmt, eine bedeutenden Rolle in dem Zug nach dem "Osten" und der Zukunft der Nation zu spielen. Der Verfasser fing seine Studien in Goiaz an, weil er die Probleme der Kolonisierung und seine Veränderungen in der originalen Vegetationen mit den Veränderungen durch die menschlichen Tätigkeiten in der Nähe sehen wollte. Er blieb längere Zeit in Anápolis, weil er den Einfluss des "Zuges nach dem Osten" auf die Entwicklungen diese Platzes erkennen wollte und stellte fest, dass die Hauptarbeiten an der Grenze der Zivilisation wie auf den näheren Umgebungen der bewohnten Gegenden gemacht sind, er erwähnt aber auch, dass in Goiaz der Zug nicht nach Osten sondern nach Westen, in die schon bewohnten Gegenden geht, im Gegensatz zu dem Rest von Brasilien.

Dann studiert er die Siedlungen der Coldsucher, wie die der Edelsteinsammler wie auch die Veränderungen durch die Nähe der Eisenbahnen, welche vom "Triangulo Mineiro" ausgehend, hinkommen. Er vergleicht diese Arbeit der Pioniere mit einer Soldatenfront, wobei der Pionier-Bauer die Rolle des Soldaten, der die Natur bekämpft, einnimmt. Anápolis ist die Base der Pionierfront des Südens Goiaz. Er beschreibt die Hochebene von Anápolis und beweist ihre Ähnlichkeit mit gewissen Hochebenen von Süd-afrika, wobei der "Veld" von Afrika gleich dem Flachland Mittelbrasilien ist.

Er studiert besonders die Flussquellen in gewissen Niederungen, welche mit starken Waldungen bedeckt sind, und die er, da ihm eine bessere Bezeichnung fehlt, "Dales" nennt und denen er eine grosse Bedeutung für die Entwicklung des wirtschaftlichen Lebens und Bevölkerung der Hochflächen gibt.

Dann beschreibt er ausführlich die Stadt Anápolis, "neus er Mittelpunkt des Handels des Staates Goiás" wie auch Jaragua, alter Mittelpunkt der Steingewinnung, welches heute eine "strategische Stellung als wichtigster Punkt eines gezwungenen Haltes" ist? wie auch Uruana deren ländliche Bevölkerung in zwei verschiedenen Stadtbezirken wohnt, etc.

In seinen weiteren Ausführungen beschreibt der Verfasser die landwirtschaftliche nationale Kolonie von Goiás, eine Fläche, gut geplant und kontrolliert, heute durch gute Strassen erreichbar, wo ungefähr 8 000 Menschen in der Landwirtschaft arbeiten. Der Zweck dieser Kolonie ist die Schaffung von kleinen wirtschaftlichen Flecken in jener bewaldeten Gegend, mit der Verpflichtung diese Waldungen zu schonen und bestehen zu lassen. Dieses steht im Gegensatz zu dem Charakter unserer Landwirte; dieser Punkt wird auch von dem Verfasser diskutiert und er lässt seinen Zweifel freien Lauf über den Erfolg dieses Systems der Rotation der Pflanzungen anstatt der Rotation des Bodens. Der Platz dieser Kolonie, welche eine soziale und wirtschaftliche interessantes Experiment ist, wurde durch die Gegenwart der Wälder, welche einen reichen Boden vermuten lassen, bestimmt. Einer der wichtigsten Punkte für irgendeine Kolonisation ist die Höhe, und die dieser Kolonie ist in gemässiger Höhe. Einige Erwähnungen über die Tätigkeiten dieser Kolonie vervollständigen den interessante Artikel des Herrn Prof. LEO WAIBEL.

RESUMO

Du faktoj forte impresis la aŭtoron de tiu ĉi artikolo. P-ro LEO WAIBEL: la grandegaj dimensioj de tiu ĉi lando kaj la riĉeco de geografia materialo amasigita en la Nacia Konsilantaro de Geografio, el kiu reliefigas la kolekto de komunumaj kartoj.

Laŭ li, Goiás ne devas plu esti konsiderata kiel nekonata lando de la geografia vidpunkto, kaj pro siaj naturaj rimedoj ĝi estas destinata ludi decidigan rolon en la marŝo al Okcidento kaj en la estonto de la Nacio. Lia laboro estis komencita en Goiás, tial ke li deziris studi la problemojn pri koloniigo kaj la rilatojn inter la origina vegetaĵaro kaj ĝia aliformiĝo per la homa aktiveco. Li observadis la influon de la marŝo al Okcidento en la regiono ĉirkaŭ Anápolis, li rimarkis ke la pionira strio situacias ĉe la frango de la civilizacio kaj ĉe la periferio de la loĝataj areoj, sed ke en Goiás ĝi ne kuŝas okcidente, kiel ĝenerale okazas en Brazilo, sed, male, oriente de la malnova regiono loĝatigata.

Li pritraktas la loĝatigon fare de la diamantfosistoj kaj minesploristoj kaj la ŝanĝigon okazintan pro la apromisigo de la fervojo, veninta de la nomata Minas'a Triangulo. Li komparas la pioniran fronton kun militista fronto, ĉar la pionira terkulturisto estas soldato, kiu kontraŭbatalas la naturon. Anápolis estas la bazo de la pionira regiono en sudo de Goiás. Li priskribas la altebenojn de Anápolis kaj substrekas ĝiajn similecojn al certaj altebenoj de Sudafriko, ĉar la afrika *vald* estas responda al la *campo* de la brazila centro.

Li studas speciale la fontojn en certaj kavaĵoj kovritaj de kernecaj arbetaĵoj, kiujn li, pro manko de pli taŭga termino, nomas *dales*, kiujn li konsideras plej signifaj por la ekonomia vivo kaj por la loĝatigo de la grandaj altplataĵoj.

Li priskribas kelkajn lokojn kaj faras konsiderojn pri ili: urbo Anápolis, "nova komerca centro de Goiás", Jaragua, malnova minekspluata centro, nun en strategia pozicio de ĉefa haltejo; Uruana, kies kampa loĝantaro vivas en du komunumoj, k.t.p.

Li priskribas la Kolonia Agricola Nacional de Goiás (Nacia Terkultura Kolonio de Goiás), kiu estas areo kun planita kaj kontrolata vivo, hodiaŭe atingita de bona ŝoseo, kaj kie ĉirkaŭ 8 000 personoj laboras en la terkulturo. La celo de tiu kolonio estas la kreado de malgrandaj terkulturaĵoj centroj en tiu arbara regiono kun la devigo, ke ili konservu grandan parton de la arbaro. Tio malakordas kun la temperamento de niaj terkulturistoj; tiu punkto estas diskutita de la aŭtoro, kiu ekvidigas kelkajn dubojn pri la sukceso de tiu sistemo de sinsekvado de kulturoj anstataŭ sinsekvado de teroj. La lokigo de tiu kolonio, kiu estas, laŭ la aŭtoro, interesa eksperimento socia kaj ekonomia, estas kaŭzita ĉefe de la ekzisto de arbara areo, kiu supozigas riĉan grundon. Unu faktoro precipe grava en iu ajn plano pri koloniigo estas la alteco, kaj tiu de tiu ĉi kolonio estas nur modera. Donitaĵoj pri la aktivecoj de tiu kolonio kompletigas la interesan artikolon.